



Tárík de Souza  
cadernob@jb.com.br

## POR E-MAIL | LUIS CAPUCHO

Divulgação

Capixaba de Cachoeiro de Itapemirim como o Rei, dono de obra original e corrosiva, Luis Capucho ainda trafega no underground, a despeito de gravado por Pedro Luis (*Máquina de escrever*) e Cássia Eller (*Maluca*). Prepara o segundo disco, com temas como *Pessoas são seres do mal*, *O cigarro que você me deu*, *Eu quero ser sua mãe*, e faz rara aparição, dia 29, no Centro de Referência da Música Carioca, na Tijuca.

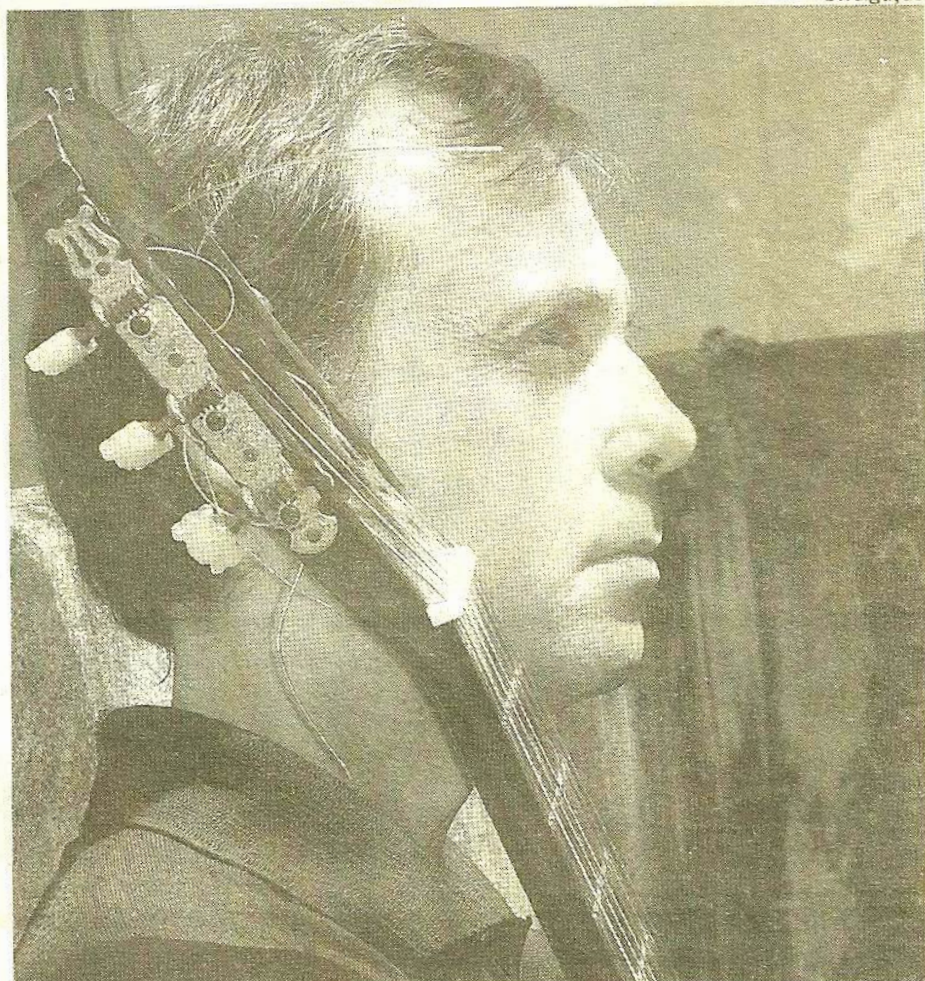
**Aos 15 anos de atividades musicais, sente que já poderia ocupar um espaço maior na mídia, palcos e gravações?**

— Sim. Tenho uma obra musical que me permite tranqüilamente estar mais dentro do mercado, participar de sua engrenagem e ter a música como profissão. Acho que minha história pessoal me alheou de tudo. É uma estrada difícil e sem volta. Muito aos poucos vou furando o cerco... Não sei.

**Quem o influenciou e como define seu estilo?**

— Ouvi sempre a música brasileira de toda classe e essa é minha influência. Minha voz grave, rouca, meus temas poéticos e poucos acordes definem meu estilo, que certa vez chamei de MPB suja. Faço música brasileira.

**Acha que 'Cinema Íris' tem possibilidades de projetar sua**



**RARA APARIÇÃO** — Gravado por Cássia Eller, o capixaba faz show dia 29

**obra para um público maior? O que o disco trará?**

— Não posso supor o alcance de uma música, um disco. Quando compus *Maluca*, não podia imaginar que tempos depois ela fosse gravada pela saudosa Cássia Eller. Achava-a cheia de defeitos, e isso era o que eu mais enxergava. O *Cinema Íris*, com

direção artística de Marcos Sacramento e produção musical de Paulo Baiano, será um resumo do que compus nos últimos anos. Dialoga com meu primeiro disco, *Lua singela*, além de meus livros, *Cinema Orly* e *Rato*. Resta-nos encontrar um selo ou gravadora que o comercialize.